

# **TRANSFORMAÇÃO DO SETOR FINANCEIRO BRASILEIRO: o impacto das fintechs na oferta de produtos e serviços sob perspectivas tecnológicas e sociais**

Lucas Gabriel de Oliveira - Estudante Concluinte do Curso de Bacharelado em Administração da  
UFRPE - E-mail: lukasgab@hotmail.com

Adilson Celestino de Lima – Professor Orientador do Departamento de Administração da  
UFRPE. E-mail: adilson.celestino@ufrpe.br

## **RESUMO**

Este estudo investiga as transformações vivenciadas no sistema bancário decorrentes do avanço tecnológico, com especial atenção ao papel das fintechs na reconfiguração dos produtos e serviços financeiros no contexto brasileiro. A pesquisa procura discernir o impacto das fintechs na configuração da oferta financeira do país. Estas empresas, caracterizadas pela aplicação ágil e acessível de inovações tecnológicas em soluções financeiras, emergem como protagonistas de mudanças estruturais no setor. A análise objetiva examinar o impacto das fintechs na dinâmica financeira do Brasil. Por meio da análise das características e modelos de negócios predominantes nas fintechs que atuam no mercado financeiro nacional, o estudo explora os efeitos destas entidades na concorrência, no comportamento de mercado e no engajamento com a clientela. Acentuando o cenário relevante da pandemia de COVID-19, que acelerou a adaptação dos consumidores às tecnologias emergentes, o trabalho observa a interação entre as fintechs e a transformação digital acelerada. Essa evolução tecnológica dinâmica, incluindo avanços como o blockchain, impulsiona uma redefinição substancial no setor financeiro, com as fintechs desempenhando um papel crucial nesse processo. Em contrapartida, as instituições financeiras tradicionais enfrentam o desafio de ajustar suas estratégias em um ambiente competitivo remodelado por novos entrantes. Além disso, o estudo avalia o impacto das fintechs na acessibilidade aos serviços financeiros, na promoção da inclusão bancária e na democratização do crédito. Empregando uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória, respaldada por fontes secundárias de renome acadêmico como artigos, livros e revistas científicas, a pesquisa coletou dados para a análise abrangente das mudanças em curso.

**Palavras-chave:** Transformação digital. Pós-pandemia. Setor financeiro. Fintechs.

## **1 INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos, o cenário financeiro global tem experimentado transformações profundas, catalisadas pelo contínuo avanço tecnológico e pela ascensão das fintechs. De acordo com Verlindo (2022), essas organizações modernas incorporam inovações tecnológicas com o objetivo de oferecer soluções financeiras mais rápidas e acessíveis, catalisando a expansão das fronteiras da aplicabilidade tecnológica em diversas esferas, incluindo plataformas de mídia social e infraestruturas financeiras complexas.

O termo "fintech" é uma fusão das palavras "financeira" e "technology", representando uma nova onda de iniciativas que conciliam a tecnologia avançada com os serviços financeiros, como destacado por Gomber, Koch e Siering (2017). Hoje em dia, os clientes do setor financeiro estão

cada vez mais demandando produtos e serviços financeiros que sejam fáceis de usar, independentemente do local ou do tempo, conforme observado por esses autores.

A ascensão das fintechs, como ressaltado pelo FintechLab (2018), estão revolucionando a experiência dos consumidores no setor financeiro, ao proporcionar serviços mais ágeis e inovadores. As fintechs estão redefinindo a maneira como as pessoas acessam e interagem com serviços financeiros, oferecendo soluções como pagamentos móveis, empréstimos peer-to-peer e gestão de investimentos automatizados. Essa capacidade de adaptação e inovação das fintechs está criando uma concorrência saudável no mercado financeiro, forçando até mesmo as instituições financeiras tradicionais a se adaptarem e a adotarem inovações tecnológicas para permanecerem competitivas.

Neste cenário de mudança rápida, no qual as fintechs desempenham papéis de destaque, as estruturas tradicionais do mercado financeiro são continuamente contestadas. A transição para modelos de serviços financeiros mais ágeis, acessíveis e personalizados tem engendrado uma reconfiguração das práticas convencionais. A interseção entre tecnologia, inovação e finanças reformulou o modo como as pessoas acessam, utilizam e concebem os serviços financeiros. Portanto, uma investigação minuciosa do papel e das implicações das fintechs é de suma importância para uma compreensão completa dos desdobramentos desta revolução financeira no contexto brasileiro.

A relevância desta pesquisa reside na proeminente posição das fintechs como catalisadoras de mudanças no panorama financeiro do Brasil. A compreensão dos impactos decorrentes das atividades dessas empresas é essencial para apreender as alterações em curso e antecipar os desafios e oportunidades emergentes neste novo paradigma financeiro. Além disso, este estudo almeja contribuir para as discussões do papel das fintechs na promoção da inclusão financeira e do impacto no crescimento econômico do país.

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise aprofundada das fintechs e seu impacto no sistema financeiro brasileiro, considerando o contexto de avanços tecnológicos. Para alcançar esse propósito, pretendemos identificar e mapear os integrantes do sistema nacional financeiro brasileiro, com foco nos bancos tradicionais e nas fintechs, entendendo os papéis e responsabilidades desempenhados por essas instituições financeiras dentro do sistema, analisando suas contribuições para a estabilidade e eficiência do mercado financeiro nacional.

Além disso, buscamos compreender o panorama das fintechs no Brasil, incluindo seu crescimento ao longo do tempo, modelos de negócios e a diversidade de clientes atendidos. Por fim, procuramos compreender os fatores que contribuem para o sucesso das fintechs no contexto brasileiro, incluindo a aceitação pelos consumidores, a adaptação às mudanças tecnológicas e a agilidade na oferta de serviços financeiros, com menos burocracias em comparação com os bancos tradicionais.

Através desta pesquisa, almejamos contribuir para uma compreensão mais profunda da dinâmica do sistema financeiro brasileiro, o papel das fintechs nesse cenário e como a tecnologia está moldando o futuro das instituições financeiras no país. Esta pesquisa, baseada em uma análise qualitativa e exploratória com embasamento em fontes acadêmicas, busca contribuir para a compreensão das implicações da emergência das fintechs no panorama financeiro do Brasil.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A indústria financeira emergiu como um dos setores mais impactados pelas significativas mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos. A integração da tecnologia nas operações financeiras deu origem às fintechs, empresas que se destacam por sua agilidade e eficiência na

aplicação de soluções financeiras inovadoras. Verlindo (2022) destaca que essa evolução tecnológica contínua tem levado a mudanças significativas nas formas como as pessoas acessam e interagem com serviços financeiros. Nesse sentido, a rápida proliferação de aplicativos e plataformas digitais tem impulsionado a criação de novos modelos de negócios no setor financeiro, catalisando a ascensão das fintechs.

## 2.1 O SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL

O sistema financeiro tem uma longa história que remonta a milhares de anos, com operações de empréstimo e crédito que datam de períodos antigos. Historicamente, as operações de empréstimo e crédito têm raízes antigas, datando do século XI a.C. (CONTEL, 2011). O sistema financeiro nasceu como uma resposta à necessidade dos agentes econômicos de atenderem suas necessidades e desejos com recursos escassos. Nesse contexto, surgiu a ideia da intermediação, onde os superavitários, aqueles com recursos excedentes, realizam trocas com os deficitários, aqueles com menos recursos (CAVALVANTE, 2002).

A origem da intermediação financeira no Brasil está relacionada à chegada da família real em 1808, quando transferiram sua corte para o país. Com a expansão das relações comerciais entre o Brasil e as nações europeias, surgiu a necessidade de estabelecer um agente intermediário financeiro. Assim, foi fundado o Banco do Brasil, que é amplamente reconhecido como a primeira instituição financeira do país (SILVA et al., 2016). Sua função era intermediar as transações entre a colônia e os mercadores europeus, desenvolvendo ações de fomento ao comércio e financiamento de projetos.

Ao longo dos anos, outras instituições financeiras foram estabelecidas no Brasil. Em 1831, foi fundada a primeira Caixa Econômica, localizada no Rio de Janeiro. Em 1851, foi estabelecido o terceiro Banco do Brasil, dessa vez sob controle privado. Em 1863, surgiram os bancos estrangeiros, como o London & Brazilian Bank e o The Brazilian and Portuguese Bank, que tiveram influência no desenvolvimento do sistema financeiro nacional.

No século XX, foram criadas instituições importantes para o desenvolvimento econômico do país. Em 1934, foi fundada a Caixa Econômica Federal, com o objetivo de financiar habitação e outros setores relevantes. Em 1952, foi fundado o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), que posteriormente evoluiu para a sua denominação atual, BNDES, desempenhando um papel fundamental no financiamento de projetos voltados para infraestrutura e o fomento ao desenvolvimento econômico.

De acordo com a Comissão de Valores Mobiliários (2019), ao longo dos anos, as instituições financeiras desenvolveram novos serviços, instrumentos e produtos para organizar, controlar e desenvolver o mercado, resultando em um complexo sistema chamado Sistema Financeiro. O Banco Central (2020) ressalta que é através desse sistema que pessoas, empresas e governos realizam transações financeiras, pagam dívidas e investem. O Sistema Financeiro Nacional (SFN) é dividido em três principais segmentos, cada um desempenhando funções específicas na intermediação financeira e no atendimento às necessidades econômicas do país. O Mercado de Capitais é responsável por canalizar recursos de longo prazo entre investidores e empresas, possibilitando a captação de recursos para financiamento de projetos de expansão, novos empreendimentos e investimentos de longo prazo. É constituído pela Bolsa de Valores, onde ocorrem negociações de ações e títulos de renda variável, e pelo mercado de títulos de renda fixa, como debêntures e títulos públicos.

O mercado de crédito abrange as instituições que concedem empréstimos e financiamentos para pessoas físicas e jurídicas. Nesse mercado, encontram-se os bancos comerciais, cooperativas

de crédito, financeiras e outras instituições que atuam como intermediárias entre os poupadores e tomadores de recursos, oferecendo diversas modalidades de crédito. Por outro lado, o mercado monetário desempenha o papel crucial de facilitar a circulação de recursos de curto prazo, sobretudo entre instituições financeiras. Nele, ocorrem as operações de compra e venda de títulos de curto prazo, como Certificados de Depósito Bancário (CDBs) e Letras de Crédito Imobiliário (LCIs). O Banco Central do Brasil é o órgão regulador e principal executor da política monetária nesse mercado.

Neste momento, a configuração do Sistema Financeiro Nacional (SFN), conforme definido pelo Banco Central do Brasil (BCB), é organizada por agentes normativos, supervisores e operadores. Os órgãos normativos têm a incumbência de estabelecer as normas gerais que regem a eficaz operação do sistema financeiro. Eles definem diretrizes e normas que orientam as atividades das instituições financeiras. Por sua vez, as entidades supervisoras têm o papel de fiscalizar e garantir o cumprimento dessas regras por parte dos integrantes do sistema financeiro. Elas monitoram as atividades das instituições, verificam o cumprimento das normas prudenciais, avaliam a saúde financeira das instituições e promovem a estabilidade e a integridade do sistema. Os operadores, por sua vez, são as instituições financeiras que atuam como intermediários entre os poupadores e os tomadores de recursos. Essas instituições oferecem uma ampla gama de serviços financeiros, como captação de recursos, empréstimos, investimentos, pagamentos e outras operações financeiras.

Conforme destacado pela Comissão de Valores Mobiliários em seu relatório de 2019, o Sistema Financeiro desempenha um papel fundamental na dinâmica econômica de uma nação. Este sistema pode ser conceituado como uma intrincada rede de instituições financeiras e instrumentos financeiros que desempenham o papel crucial de intermediar a alocação de recursos monetários entre aqueles que poupam e aqueles que tomam empréstimos na economia. A sua importância é inegável, uma vez que o seu eficiente funcionamento e desenvolvimento são essenciais para a promoção do crescimento econômico e a estabilidade financeira de uma nação.

## 2.2 BANCOS

No âmbito do tema em discussão, é de suma importância estabelecer o conceito preciso do termo "bancos" conforme a definição oficial fornecida pelo Banco Central. Os bancos desempenham um papel crucial como instituições financeiras especializadas, intermediando entre os indivíduos que economizam e aqueles que buscam empréstimos, ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade de custodiar e preservar tais recursos. Adicionalmente, os bancos oferecem uma gama diversificada de serviços financeiros aos clientes, abrangendo operações como saques, empréstimos, investimentos, e diversas outras transações. Desde o advento da estabilização inflacionária a partir de 1995, o cenário do sistema financeiro brasileiro sofreu transformações substanciais, especialmente no que concerne ao contingente de instituições financeiras presentes.

Com vistas a assegurar a robustez do mercado financeiro, o governo federal promoveu iniciativas como o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer), além de desencadear a privatização de bancos de origem estatal. Tais medidas reverberaram positivamente na revitalização do sistema financeiro, entretanto, também propiciaram uma maior consolidação no âmbito bancário (Lima, 2008). À medida que o setor bancário enfrentava desafios financeiros, a estratégia de fusões e aquisições emergiu como uma resposta proeminente. Essa abordagem resultou em uma notável redução no número de instituições

bancárias. A motivação subjacente a essa tendência residia na busca por estruturas mais resilientes, capazes de enfrentar crises financeiras e dilemas de liquidez (BITTENCOURT, 2015).

Durante esse período, marcado pela consolidação da estabilidade monetária no contexto brasileiro, um fenômeno de significância eminente veio à tona: a bancarização. Esse fenômeno implica na ampliação do acesso da população a serviços bancários essenciais, englobando a disponibilidade de contas correntes, possibilidades de empréstimos e acessos a financiamentos. O objetivo intrínseco à bancarização é fomentar a inclusão financeira e econômica, abrindo portas para que um contingente maior de indivíduos possa usufruir dos recursos disponíveis no sistema bancário para atender às suas necessidades financeiras. É pertinente ressaltar que esse movimento não somente incrementa a disponibilidade de serviços, mas também contribui para a promoção da estabilidade econômica ao catalisar o fluxo de recursos e simplificar a participação das pessoas no cenário financeiro. Diniz (2019) observa que as instituições bancárias adotaram essa estratégia de bancarização com o objetivo de atrair uma base de clientes mais abrangente, almejando elevar seus ganhos e alcançar uma posição de destaque no panorama bancário.

É crucial reconhecer, entretanto, que essa trajetória foi acompanhada por um evidente aumento na concentração bancária. Embora esse processo possua potencial para conferir maior solidez e segurança ao sistema, também carrega consigo a possibilidade de impulsionar as taxas de juros e degradar a qualidade dos serviços oferecidos aos consumidores finais, em virtude da diminuição da concorrência. Conforme Andrade (2019), entre os anos de 1995 e 2017, registrou-se uma expressiva redução no número de instituições financeiras operantes no sistema bancário brasileiro, notadamente nos bancos múltiplos. A discrepância entre os anos mencionados é notável nesse contexto. Em 1995, contabilizavam-se 205 bancos múltiplos, 35 bancos comerciais, 17 bancos de investimentos e 2 caixas econômicas em operação. Em contrapartida, o cenário de 2017 refletiu uma redução para 132 bancos múltiplos, 21 bancos comerciais, 12 bancos de investimentos e 1 caixa econômica (ANDRADE, 2019).

Nos últimos anos, o setor financeiro do Brasil tem passado por uma transformação tecnológica de grande relevância. A evolução tecnológica tem sido uma força motriz na transformação do setor, especialmente com a ascensão de fintechs e a introdução do conceito de open banking. As fintechs, empresas de tecnologia focadas em serviços financeiros, têm desafiado os modelos tradicionais de negócio, propondo soluções mais ágeis, digitais e centradas no cliente. Arner, Barberis e Buckley (2016) realçam que estas inovações têm o potencial de democratizar o acesso a serviços financeiros, além de aumentar a eficiência e a competição no setor.

No mesmo espectro, o Open Banking, sistema que permite o compartilhamento de informações e serviços financeiros entre instituições através de APIs (Application Programming Interfaces), promete remodelar profundamente o cenário financeiro, permitindo uma maior integração e cooperação entre instituições tradicionais e novos entrantes. A iniciativa visa estimular a competição e a inovação no setor financeiro, permitindo que os consumidores tenham mais controle sobre suas informações financeiras e possam acessar uma gama mais ampla de produtos e serviços financeiros.

O sistema financeiro sempre teve um papel crucial no desenvolvimento econômico do Brasil. Neri (2011) destaca que a evolução e expansão do sistema financeiro têm uma correlação direta com o crescimento econômico do país. A medida que o sistema financeiro se expande, ele pode apoiar mais eficazmente a acumulação de capital, a criação de empregos e a inovação, fatores cruciais para a promoção do crescimento econômico sustentável.

O sistema financeiro serve como um catalisador para a mobilização e alocação eficiente de recursos na economia, facilitando investimentos em setores-chave e apoiando o empreendedorismo e a inovação. Além disso, um sistema financeiro robusto pode contribuir para

a estabilidade econômica, fornecendo mecanismos para a gestão de riscos e promovendo a inclusão financeira.

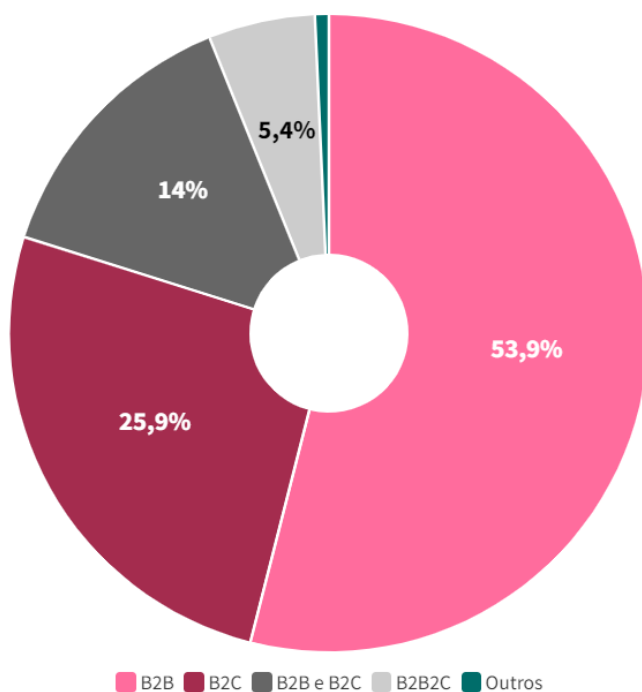
Neste cenário, torna-se evidente que a modernização e as inovações no sistema financeiro não são apenas uma necessidade, mas um pré-requisito para garantir um crescimento econômico sustentável e inclusivo no Brasil. As recentes inovações, impulsionadas pela tecnologia, têm o potencial de transformar radicalmente o setor, promovendo uma maior inclusão financeira, eficiência e competitividade, elementos vitais para sustentar e acelerar o crescimento econômico do país nas próximas décadas.

### 2.3 MODELOS DE NEGÓCIOS DAS FINTECHS

Conforme definido pelo Banco Central do Brasil em 2023, as fintechs são empresas que se destacam por introduzirem inovações significativas nos mercados financeiros, baseando-se amplamente no uso de tecnologia avançada. Essas inovações têm o potencial de revolucionar o cenário financeiro, criando oportunidades para novos modelos de negócios. As fintechs, no contexto brasileiro, operam principalmente por meio de plataformas online, oferecendo uma diversificada gama de serviços financeiros inovadores, todos relacionados ao setor financeiro. No cenário nacional, essas fintechs se segmentam em várias categorias, abrangendo áreas como crédito, pagamentos, gestão financeira, empréstimos, investimentos, financiamentos, seguros, negociação de dívidas, câmbio e soluções multifuncionais. É relevante ressaltar que, para operar no território nacional, existem dois tipos de fintechs de crédito que podem receber autorização para intermediar transações entre credores e devedores por meio de plataformas eletrônicas: a Sociedade de Empréstimo entre Pessoas (SEP) e a Sociedade de Crédito Direto (SCD). As atividades dessas entidades são registradas e monitoradas pelo Sistema de Informações de Créditos (SCR).

Os modelos de negócios de fintechs têm emergido como um fenômeno significativo no panorama financeiro contemporâneo, caracterizando-se por inovações disruptivas que exploram a convergência da tecnologia e serviços financeiros (GOMBER; KOCH; SIERING, 2017). Este campo multidisciplinar tem atraído considerável atenção tanto da academia quanto da indústria financeira, dada a sua capacidade de redefinir a forma como as transações financeiras são conduzidas e como os serviços financeiros são acessados. Combinando avanços tecnológicos, como a inteligência artificial, blockchain, e plataformas móveis, as fintechs têm buscado criar modelos de negócios ágeis, centrados no cliente e eficientes em termos de custos, frequentemente desafiando as estruturas tradicionais das instituições financeiras convencionais.

Figura 4 – Modelos de Negócios das Fintechs brasileiras (2022)



O ecossistema das fintechs no Brasil apresenta uma notável diversificação de modelos de negócios, conforme constatado pelo "Fintech Report" de 2022. Neste relatório, abrangendo 1.289 fintechs em operação, observou-se que aproximadamente 53,9% dessas empresas adotaram o modelo de negócios Business-to-Business (B2B), concentrando-se na prestação de serviços financeiros direcionados a outras empresas. Em contraste, cerca de 25% das fintechs optaram pela abordagem Business-to-Consumer (B2C), orientando seus esforços para atender diretamente os consumidores finais. Além disso, aproximadamente 14% das instituições financeiras adotaram uma estratégia híbrida, combinando os formatos B2B e B2C para abranger tanto o mercado corporativo quanto os consumidores individuais. A diversidade de modelos de negócios evidencia a flexibilidade e a busca constante por inovação que caracterizam o ecossistema das fintechs brasileiras, à medida que buscam atender às diversas demandas do setor financeiro (REPORT FINTECH, 2022).

O cenário das fintechs no Brasil revela segmentos de destaque, com especial atenção para o setor de crédito. O crescimento notável deste setor pode ser atribuído, em parte, às condições rigorosas de crédito no país, que abriram espaço para que as startups oferecessem soluções inovadoras e condições mais favoráveis. Esse cenário propiciou o surgimento de diversas fintechs especializadas em diferentes aspectos do crédito. Além disso, as categorias de Meios de Pagamento e Backoffice mantiveram um desempenho sólido, impulsionadas pelo setor de e-commerce, que experimentou crescimento significativo durante a pandemia, registrando um aumento de 41% em 2020, em comparação com uma taxa de crescimento anual composta de 19,4%. Dada a importância dessas categorias para o funcionamento do comércio eletrônico, a demanda por serviços relacionados continua a crescer. Destaca-se também o setor de Criptomoedas, que tem ganhado destaque global, com 88 startups atuando nessa categoria no Brasil (REPORT FINTECH, 2022).

As fintechs, conforme destacado por Silva (2020), não apenas têm atraído a atenção dos consumidores, mas também conquistado o interesse de investidores que enxergam o potencial em nichos anteriormente dominados por bancos e instituições financeiras tradicionais. Essa transformação é amplificada pela proliferação generalizada dos smartphones, que facilitam a gestão ágil e conveniente de assuntos financeiros, remodelando substancialmente a maneira como as pessoas interagem com serviços financeiros e eliminando a burocracia historicamente associada a essa esfera (OLIVEIRA, 2019).

O paradigma operacional das fintechs tem impulsionado uma série de inovações, entre elas os empréstimos peer-to-peer (P2P) e os sistemas de pagamento móvel. O modelo P2P, notório nesta revolução, facilita uma ligação direta e mutuamente benéfica entre investidores individuais e tomadores de empréstimos, criando um ambiente com taxas de juros mais atrativas e reduzindo a dependência de intermediários bancários tradicionais. Paralelamente, os sistemas de pagamento móvel têm redefinido a maneira como as transações financeiras são conduzidas, minimizando a necessidade de transações baseadas em dinheiro físico e promovendo uma experiência financeira mais fluida e integrada.

As fintechs estão redefinindo a interface financeira ao adotar uma postura centrada no cliente, transformando experiências potencialmente desagradáveis e demoradas em interações satisfatórias e acolhedoras. Como destacado por Koche (2019), embora a interação face a face seja ausente, elas conseguiram dissipar a sensação de distanciamento e formalidade historicamente associada ao setor financeiro, substituindo-a por uma relação mais próxima e confiável com seus clientes. A digitalização não apenas facilita as transações, mas também representa uma alternativa mais econômica e eficiente em relação aos métodos convencionais, sendo uma resposta adaptativa e revolucionária às flutuações contínuas do mercado financeiro global.

Neste contexto, é inegável que a diversidade e inovação inerentes às fintechs estão promovendo uma transformação paradigmática no setor financeiro, reformulando não apenas os padrões tradicionais, mas também reimaginando a concepção e a oferta de serviços financeiros. Esse movimento parece traduzir-se em uma proposta mais inclusiva e equitativa para o futuro financeiro global (KOCHE, 2019).

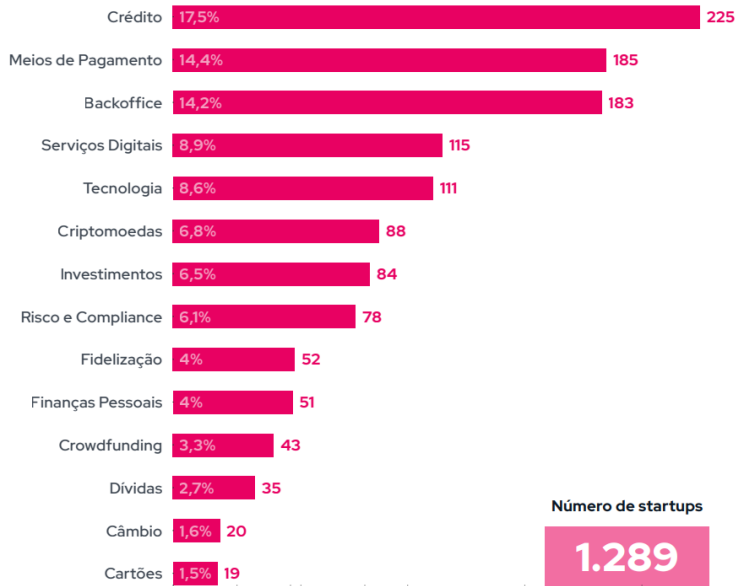
## 2.4 PANORAMA DAS FINTECHS

De acordo com dados da Fintechlab (2018), uma entidade renomada que realiza análises periódicas sobre o progresso das fintechs no Brasil, o setor de fintechs no país está experimentando uma trajetória de expansão notável. Essa expansão é evidenciada por um aumento substancial no número de fintechs operando no Brasil. Por exemplo, em abril de 2016, o país abrigava cerca de 130 fintechs, e esse número cresceu de maneira expressiva para 404 em agosto de 2018. Isso significa que houve uma quadruplicação da presença dessas organizações em um período inferior a uma década.

No entanto, não é apenas a quantidade de fintechs que está aumentando. Os investimentos no setor também estão crescendo de forma impressionante. Os dados do "Report Fintech" (2022) revelam que os investimentos em fintechs no Brasil aumentaram de aproximadamente 20 milhões de dólares em 2013 para mais de 3,8 bilhões de dólares em 2021. Esse salto significativo nos investimentos reflete uma confiança robusta e crescente na viabilidade e no potencial de crescimento desse setor em rápido desenvolvimento. Além disso, a adoção generalizada de tecnologia móvel e a crescente demanda por serviços financeiros digitais têm impulsionado esse crescimento. A Figura 1 abaixo apresenta a distribuição das fintechs brasileiras por categoria, fornecendo uma visão mais detalhada das áreas em que essas empresas estão atuando



Figura 1 – Fintechs por categoria (2022)



Fonte: FINTECH REPORT (2022)

Os números fornecidos revelam um panorama abrangente da transformação em andamento no setor financeiro brasileiro, impulsionada pelo crescimento das fintechs. Com um total de 1.289 empreendimentos fintech mapeados em 2022, fica evidente que esse ecossistema está passando por uma diversificação de atuação. Essa diversificação demonstra a capacidade das fintechs de abordar uma ampla gama de necessidades financeiras, criando uma competição com as instituições financeiras tradicionais.

Dentro desse cenário de crescimento, destacam-se alguns segmentos que merecem atenção especial. O segmento de Crédito, com 225 empresas, reflete a crescente demanda por alternativas aos empréstimos tradicionais, com taxas e processos frequentemente burocráticos. As fintechs nesse setor estão simplificando o acesso ao crédito e tornando-o mais acessível.

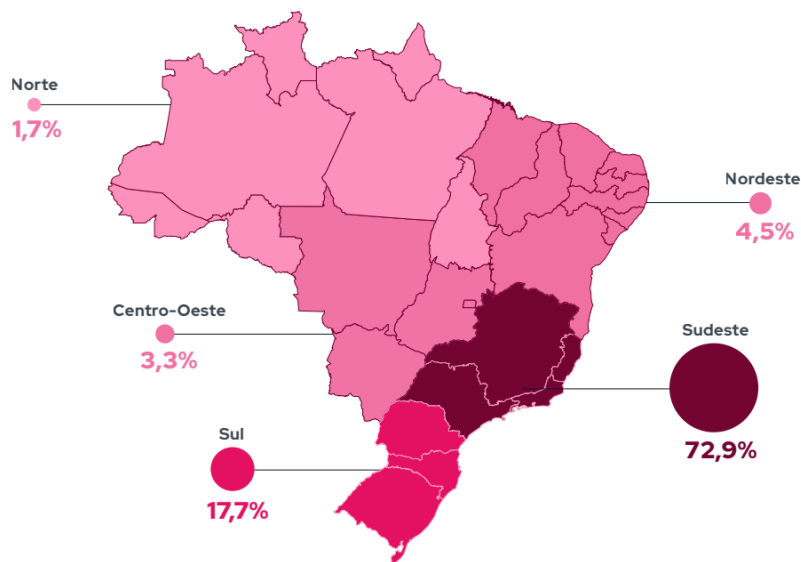
Os Meios de Pagamento, com 185 empresas, representam outro domínio em crescimento, à medida que os consumidores buscam soluções de pagamento mais eficientes e seguras. As fintechs nessa área estão introduzindo inovações, como pagamentos móveis e carteiras digitais, que estão rapidamente se tornando parte integrante da vida financeira cotidiana.

O segmento de Backoffice, com 183 empresas, enfatiza a importância da eficiência operacional no setor financeiro. Essas fintechs estão focadas em melhorar processos internos, reduzir custos e aumentar a eficiência das instituições financeiras.

Além desses setores, a presença significativa de fintechs dedicadas à Tecnologia (111) e Criptomoedas (88) destaca a importância das inovações tecnológicas e da crescente adoção de moedas digitais no cenário financeiro brasileiro. A tecnologia é um motor central dessa transformação, permitindo que as fintechs ofereçam serviços mais ágeis e acessíveis, enquanto as criptomoedas representam um desafio e uma oportunidade para a indústria financeira tradicional.

Para fornecer uma visão mais abrangente desse cenário em constante evolução, a Figura 2 abaixo apresenta a distribuição regional das Fintechs em 2022, destacando onde essas empresas estão concentradas geograficamente.

Figura 2 – Distribuição regional da Fintechs (2022)



Fonte: FINTECH REPORT (2022)

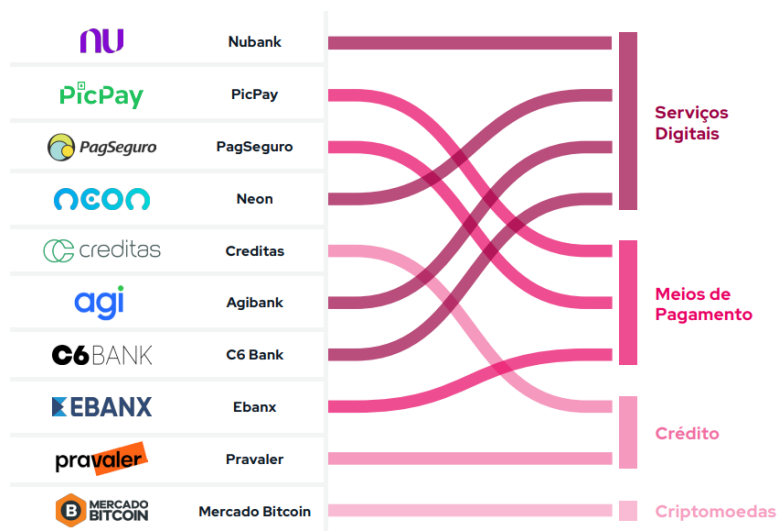
Os dados revelados apontam a concentração geográfica das fintechs no Sudeste do Brasil, especialmente em São Paulo, onde 45% dessas empresas têm sua sede. Esse cenário não é surpreendente, uma vez que São Paulo é o centro financeiro e econômico do país, atraindo uma grande quantidade de empreendedores e investidores. No entanto, é importante destacar que a natureza digital das fintechs permite que elas transcendam as barreiras geográficas. Essas empresas atuam como pontes que conectam indivíduos a oportunidades financeiras independentemente de sua localização geográfica. Isso significa que pessoas em outras regiões do Brasil, mesmo aquelas distantes dos centros financeiros tradicionais, podem acessar serviços financeiros inovadores e benefícios oferecidos pelas fintechs. Essa acessibilidade geograficamente ampla é um dos pontos fortes desse setor em rápida expansão.

Observa-se, porém, que à medida que a transformação digital avança, surgem desafios importantes. Questões de inclusão digital e alfabetização financeira estão se tornando áreas críticas que exigem atenção. Para garantir que todos os segmentos da sociedade possam aproveitar plenamente os benefícios das inovações das fintechs, é necessário abordar as disparidades no acesso à tecnologia e garantir que as pessoas tenham o conhecimento necessário para tomar decisões financeiras informadas. Isso é fundamental para uma disseminação ampla e equitativa dos benefícios dessas inovações e para evitar a exclusão de grupos marginalizados (FINTECH REPORT, 2022).

Isto posto, é possível concluir que a concentração geográfica das fintechs na região Sudeste é um reflexo da infraestrutura empresarial e da acessibilidade a recursos financeiros disponíveis nessa área. No entanto, para garantir que todos se beneficiem igualmente dessas inovações, é necessário abordar questões de inclusão digital e alfabetização financeira (FINTECH REPORT, 2022). A Figura 3 oferece uma visão das principais fintechs que estão moldando o cenário financeiro brasileiro.

Figura 3 –Ranking<sup>1</sup> das 10 principais fintechs brasileiras (2022)

<sup>1</sup> Para efetuar a categorização e identificar os líderes do setor, a Fintech Report empregou um algoritmo de pontuação, considerando variáveis como o número de colaboradores, receita estimada, financiamento captado e métricas de presença nas redes sociais.



Fonte: FINTECH REPORT (2022)

Observa-se que, entre as principais categorias que compõem o ranking dos startups há um notável destaque para aquelas relacionadas aos Serviços Digitais, com foco especial nos Bancos Digitais. A implementação oficial da quarta e última fase do Open Banking Brasil<sup>2</sup> representa um marco importante nesse contexto. Essa etapa possibilitou que esses players coexistam em um ecossistema financeiro mais robusto e transparente. Isso, por sua vez, oferece a eles a oportunidade de consolidar sua posição entre as principais fintechs do país (FINTECH REPORT,2022)

Com a recente conclusão da implementação do Open Banking, o ecossistema de inovação agora se prepara para o advento do Open Insurance. De acordo com a Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNSEG), é uma extensão do conceito de Open Banking, que visa promover a abertura e o compartilhamento de dados na indústria de seguros. Essa iniciativa busca permitir que os consumidores tenham mais controle sobre seus dados de seguros e facilitem a comparação de produtos e serviços de seguros, promovendo maior transparência e concorrência no setor. Este conceito regulamentado envolve o compartilhamento de serviços e dados dos clientes, mas desta vez no contexto do mercado segurador brasileiro. Essa evolução cria ainda mais oportunidades e possibilidades para as empresas do setor, abrindo novos horizontes para o desenvolvimento de soluções inovadoras e aprofundando a integração de serviços financeiros e seguros.

Embora o progresso tecnológico tenha engendrado benefícios incontestáveis, tais como a facilitação da comunicação, acesso à informação e avanços em variadas esferas da vida contemporânea, ele também instigou desafios consideráveis, notadamente relacionados à segurança das plataformas financeiras e à prevenção de delitos cibernéticos. A internet facultou uma interação global, compartilhamento de informações e transações comerciais, incluindo aquelas realizadas por meio de plataformas financeiras. Não obstante, ela também se metamorfoseou em um ambiente propício para a ocorrência de crimes como fraudes financeiras, invasões à privacidade e disseminação de conteúdo ilícito, entre outras transgressões. Nesse contexto evolutivo, particularmente no domínio financeiro, um relatório da Accenture de 2019 indicou que o ônus do

<sup>2</sup> Iniciativa regulatória que visa promover a abertura e o compartilhamento de dados bancários e financeiros entre instituições financeiras autorizadas pelo Banco Central do Brasil. Isso permite que os clientes tenham mais controle sobre seus dados financeiros e promove a concorrência no setor financeiro. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/openbanking>

delito cibernético sobre empresas de serviços financeiros está aumentando de maneira mais acentuada em comparação com outros setores, com o custo anual dos crimes cibernéticos por empresa no setor ascendendo de US\$ 12,97 milhões em 2014 para US\$ 18,5 milhões em 2019. Diante desse cenário, é vital que a segurança digital seja uma prioridade, com a implementação de protocolos robustos para proteger dados e transações financeiras, garantindo a confiança e segurança dos usuários (ACCENTURE, 2019).

Isso pode ser atribuído à complexidade crescente dos ecossistemas financeiros digitais, que, enquanto promovem a eficiência e a inclusão, também apresentam pontos de vulnerabilidade que podem ser explorados por agentes mal-intencionados. Torna-se, então, uma responsabilidade coletiva entre governos, instituições financeiras e fintechs para desenvolver estratégias que não apenas impulsionem a inovação e a acessibilidade, mas que também priorizem a segurança e a integridade do sistema financeiro como um todo.

Diante disso, é imperativo que as medidas de segurança evoluam na mesma velocidade que as inovações tecnológicas, criando um ambiente financeiro digital que seja não apenas revolucionário, mas também seguro e confiável para os consumidores. A colaboração interinstitucional, a educação do consumidor sobre práticas seguras online e o investimento contínuo em tecnologias de segurança cibernética emergirão como pilares centrais nesta nova fase de desenvolvimento financeiro global. Segundo Alves (2013), a inovação está correlacionada a mudanças assimiláveis na esfera econômica e passíveis de replicação. Este contexto tem ocasionado um impacto notório no sistema bancário brasileiro, acarretando transformações marcantes e redefinindo as interações entre as instituições financeiras tradicionais e os consumidores.

## 2.5 CLIENTES E O SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO

O Brasil atualmente abriga um notável contingente de mais de 1.289 fintechs operacionais (FINTECH REPORT, 2022). Em termos de investimento, em outubro de 2022, as startups brasileiras acumularam um montante total de US\$ 376,4 milhões, com as fintechs arrecadando significativos US\$ 250 milhões. Uma história emblemática de sucesso no contexto brasileiro é a trajetória do Nubank, que, ao longo de uma década de operações, alcançou marcos notáveis, incluindo a entrada na Bolsa de Valores de Nova York e a ultrapassagem do Santander em número de clientes no Brasil, consolidando-se como a quinta maior instituição bancária do país.

Segundo análise do banco UBS, em 2022, o Nubank atingiu a marca de 64,8 milhões de clientes. É relevante ressaltar que a divulgação de números de clientes varia de acordo com as metodologias de contagem adotadas pelas instituições financeiras, que nem sempre estão sujeitas a auditorias independentes. O estudo do UBS também aponta que a Caixa é o maior banco do Brasil em termos de clientes, com aproximadamente 150 milhões, seguida pelo Bradesco, com cerca de 102 milhões. Os cinco maiores bancos incumbentes, excluindo fintechs e novos entrantes, somam um total de 480 milhões de clientes, embora seja importante notar que um único cliente pode manter contas em múltiplas instituições financeiras. Portanto, cerca de 53% dos clientes bancários no Brasil mantêm suas contas em uma das cinco principais instituições.

De acordo com o UBS, o ranking das maiores instituições bancárias em termos de quantidade de clientes, em 2022, é o seguinte:

1º Caixa: 148,3 milhões de clientes

- 2º Bradesco: 101,8 milhões de clientes
- 3º Itaú (ITUB4): 95,5 milhões de clientes
- 4º Banco do Brasil (BBAS3): 73,6 milhões de clientes
- 5º Nubank: 64,8 milhões de clientes
- 6º Santander: 61,0 milhões de clientes
- 7º Original: 42,2 milhões de clientes
- 8º Mercado Pago: 39,4 milhões de clientes
- 9º PagBank: 25,9 milhões de clientes
- 10º C6 Bank: 21,3 milhões de clientes

Esses números e análises ilustram o impacto substancial das fintechs no cenário financeiro brasileiro, evidenciando tanto o surgimento de novas empresas quanto o contínuo desafio das instituições financeiras tradicionais de se adaptarem às transformações contemporâneas. Globalmente, estudos recentes estimam que as fintechs conquistaram mais de 600 milhões de clientes até o final de 2022, destacando a rápida adoção de serviços financeiros digitais por parte de consumidores e empresas.

O mercado de fintechs engloba um número crescente de empresas em escala mundial. Em 2021, estimava-se que havia mais de 26 mil fintechs em todo o mundo, abrangendo diversos setores, desde pagamentos e empréstimos até investimentos e gestão financeira.

Essas fintechs oferecem uma ampla gama de serviços que se adaptam às necessidades em evolução dos consumidores contemporâneos. Além dos serviços tradicionais, como pagamentos e transferências, elas expandiram suas operações para áreas como robo-advisors, trocas de criptomoedas e empréstimos peer-to-peer.

Conforme relatado em um artigo do Meio & Mensagem, uma pesquisa conduzida em dezembro de 2019 com uma amostra de 1.000 brasileiros, abrangendo diversas faixas etárias e classes sociais em todas as regiões do país, revelou uma notável associação entre serviços financeiros digitais e fintechs. O Nubank emergiu como a fintech mais reconhecida, contrastando com o cenário de 2017, quando o Itaú liderava com 19% de associação a serviços digitais, um número que caiu para 6% em 2019. Essa mudança reflete o impacto significativo das fintechs nos serviços e produtos dos bancos tradicionais (SCHNAIDER, 2020).

Além disso, a pesquisa apontou um aumento na disposição dos brasileiros para realizar operações digitais por meio das fintechs em comparação a 2017, devido ao crescente nível de confiança que essas empresas têm conquistado junto à sociedade. (SCHNAIDER, 2020).

O público-alvo das fintechs é diversificado, com algumas empresas focadas em atender jovens profissionais e consumidores em busca de soluções de pagamento convenientes e serviços financeiros simplificados, enquanto outras direcionam seus esforços para empresas em busca de soluções financeiras ágeis e eficientes.

O relatório de cidadania financeira do BACEN demonstra que no período compreendido entre 2015 e 2017, houve uma relativa estabilidade na quantidade de adultos que possuíam vínculo com instituições financeiras. Em 2017, um contingente superior a 140 milhões de indivíduos (equivalente a 86,5% da população) mantinha algum tipo de relação com o sistema bancário. Isso incluía a posse de contas de depósito à vista (conhecidas como contas-correntes), contas de depósito de poupança e contas de depósito para investimento. Enquanto pouco antes do início da quarentena, em 2019, o Brasil contava com 165,6 milhões de indivíduos com acesso a serviços bancários. Atualmente, esse número cresceu para 188,3 milhões, representando um aumento de quase 14%. Essas estatísticas consideram apenas os relacionamentos financeiros ativos de clientes e são baseadas no total de CPFs, sem levar em consideração o número de instituições

bancárias com as quais cada pessoa possui vínculo. Estima-se que, nos dias de hoje, os desbancarizados correspondem a cerca de 16% da população adulta.

Existem outros fatores relevantes que contribuem para a redução significativa do número de desbancarizados. Um deles é a adoção do Pix, que desempenha um papel importante na diminuição do uso de dinheiro em espécie. Segundo dados do Banco Central, o Pix já conta com mais de 129 milhões de indivíduos utilizam essa ferramenta, o que a torna um incentivo adicional para que as pessoas desbancarizadas ingressem no sistema financeiro. A digitalização dos bancos também desempenha um papel fundamental nesse aumento das contas bancárias. Atualmente, é possível abrir uma conta remotamente em questão de minutos

As informações relativas ao mercado de fintechs destacam o impacto significativo dessas empresas no setor financeiro. A rápida expansão do número de clientes e empresas reflete a crescente aceitação e procura por serviços financeiros digitais. Além disso, a agilidade e eficiência demonstradas pelas fintechs em serviços como empréstimos, pagamentos e investimentos ressaltam sua capacidade de atender de forma inovadora às demandas modernas dos consumidores.

O crescimento das fintechs tem estimulado uma concorrência saudável no setor, incentivando as instituições financeiras tradicionais a reavaliarem suas estratégias e a adotarem tecnologias inovadoras para aprimorar a experiência do cliente. Questões de segurança cibernética e regulamentação também ganharam destaque, uma vez que as fintechs enfrentam desafios para garantir a proteção dos dados dos clientes e operar em conformidade com as normas regulatórias.

Portanto, o mercado de fintechs tem desempenhado um papel fundamental na reconfiguração da forma como os serviços financeiros são oferecidos e consumidos, promovendo uma transformação profunda e positiva no cenário financeiro global.

## 2.6 DESAFIOS REGULATÓRIOS E JURÍDICOS

Apesar dos impactos positivos que as fintechs têm trazido para o cenário financeiro, é inegável que elas enfrentam desafios significativos de natureza regulatória e jurídica. A natureza disruptiva e inovadora dos serviços oferecidos por essas empresas muitas vezes colide com as estruturas regulatórias estabelecidas, originalmente projetadas para instituições financeiras convencionais.

Segundo Santos (2018), o ingresso das fintechs em um cenário regulatório complexo é uma jornada que demanda enfrentar barreiras consideráveis. Essa jornada pode variar significativamente entre diferentes países e jurisdições. Cada uma dessas localidades pode impor exigências e regulamentações específicas, resultando em um ambiente operacional complexo para as fintechs. A falta de harmonização regulatória global amplifica esse desafio, pois as fintechs que buscam operar internacionalmente podem encontrar uma série de regras e requisitos divergentes.

Um dos pontos cruciais nos desafios regulatórios é o equilíbrio entre a promoção da inovação e a proteção dos consumidores e da estabilidade do sistema financeiro. Enquanto as fintechs buscam introduzir novos produtos e serviços financeiros que muitas vezes carecem de regulamentação específica, os reguladores têm a responsabilidade de garantir que esses serviços não comprometam a segurança dos usuários ou a integridade do sistema financeiro como um todo. Essa tensão entre inovação e proteção muitas vezes leva a um processo de adaptação regulatória, no qual os reguladores buscam atualizar as regras para acomodar a evolução tecnológica.

Outra questão premente é a privacidade e a segurança dos dados. O uso intensivo de dados pelas fintechs para análise de risco, personalização de serviços e tomada de decisões financeiras levanta preocupações significativas sobre a proteção da privacidade do consumidor. As regulamentações de proteção de dados, como o Regulamento Geral de Proteção de Dados (GDPR)

na União Europeia, impactam diretamente a forma como as fintechs coletam, armazenam e utilizam informações pessoais.

A complexidade dos desafios regulatórios e jurídicos enfrentados pelas fintechs, como ressaltado por Santos (2018), pode influenciar suas operações diárias e moldar sua estratégia de crescimento.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos que foram adotados para explorar a transformação do setor financeiro brasileiro por meio do impacto das fintechs na oferta de produtos e serviços, sob perspectivas tecnológicas e sociais.

A coleta dos dados foi conduzida através de uma pesquisa bibliográfica metódica, abrangendo uma revisão minuciosa e análise detalhada de pesquisas, estudos e publicações pertinentes relacionadas à transformação do setor financeiro e ao impacto das fintechs. A escolha das fontes foi orientada por critérios que garantiram relevância direta ao tema proposto, bem como data de publicação recente para assegurar a atualidade das informações.

Os dados coletados foram sujeitos a uma abordagem de análise de conteúdo, um processo que envolveu a identificação, categorização e interpretação de temas, conceitos e relações presentes nos materiais selecionados. Esta análise foi conduzida de maneira sistemática e rigorosa, visando a assegurar a validade e confiabilidade dos resultados obtidos.

Importa ressaltar que esta pesquisa apresenta algumas limitações, incluindo a possibilidade de viés nas fontes selecionadas, bem como as restrições temporais que impactaram a profundidade da análise realizada.

As contribuições antecipadas deste estudo se estendem para o enriquecimento do entendimento das implicações da transformação do setor financeiro promovida pelas fintechs, no que tange às de mercado e desafios legais.

Em seu conjunto, esta pesquisa almejou proporcionar contribuições valiosas para acadêmicos, profissionais da área financeira, que demonstraram interesse em entender o dinâmico mercado financeiro, suas empresas e seus modelos de negócios. Esta abordagem harmoniza-se com as mudanças tecnológicas e sociais que vêm ocorrendo.

Nesta seção, delineamos os procedimentos metodológicos adotados para investigar a transformação do setor financeiro brasileiro por meio do impacto das fintechs na oferta de produtos e serviços, considerando perspectivas tecnológicas e sociais. Optamos por uma abordagem de pesquisa aplicada, orientada para gerar insights que enderecem desafios práticos, uma escolha motivada pelos objetivos específicos que previamente delineamos. Essa estratégia metodológica adotou uma abordagem qualitativa, permitindo uma exploração profunda das complexidades inerentes à transformação do setor financeiro por meio das fintechs.

Para alcançar os objetivos propostos, decidimos empregar uma abordagem metodológica qualitativa e exploratória. A coleta de dados teve como base fontes secundárias, tais como artigos, teses, dissertações e livros de pesquisadores e acadêmicos renomados na área. A seleção criteriosa dessas fontes propiciou uma análise ampla e aprofundada das mudanças em curso no cenário financeiro brasileiro, especialmente focando nas contribuições e impactos trazidos pelas fintechs.

Em seguida, procedemos à análise dos dados coletados, permitindo a identificação de tendências, padrões e insights relevantes relacionados ao papel das fintechs na transformação do setor financeiro. A triangulação de informações provenientes de diferentes fontes e perspectivas enriqueceu a análise e conferiu solidez às conclusões apresentadas neste estudo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciam que as fintechs desempenham um papel de agentes disruptivos no setor financeiro nacional, desencadeando uma transformação significativa nas práticas convencionais. A agilidade e a acessibilidade das soluções financeiras proporcionadas por essas empresas têm efetivamente redefinido a maneira como as pessoas interagem com os serviços bancários. Esse fenômeno encontra respaldo em estudos como o de Verlindo (2022), que ressaltam como as fintechs têm sido responsáveis por alavancar a adoção de soluções financeiras inovadoras e de fácil acesso.

O mercado de fintechs tem testemunhado um panorama abrangente da transformação em curso no setor financeiro brasileiro. A análise dos dados da Fintechlab (2018) indica que o Brasil está em uma trajetória de expansão notável nesse setor, atraindo um volume substancial de investimentos. Em abril de 2016, o país abrigava 130 fintechs, um número que cresceu significativamente para 404 em agosto de 2018, indicando uma quadruplicação da presença dessas organizações em menos de uma década. Esse crescimento é corroborado pelos investimentos significativos no setor, que aumentaram de cerca de 20 milhões de dólares em 2013 para mais de 3,8 bilhões de dólares em 2021.

Tabela 1 - Crescimento das Fintechs (2016-2028)

<b>Ano</b>	<b>Número de Fintechs</b>
<b>2016</b>	130
<b>2018</b>	404

Tabela 2 - Investimentos no Setor (2013-2021)

<b>Ano</b>	<b>Investimentos(em milhões de dólares)</b>
<b>2013</b>	20
<b>2021</b>	3.800

À luz da análise econômica, a emergência das fintechs sinaliza uma potencial reestruturação do setor financeiro, onde a competição com instituições financeiras tradicionais pode estimular uma onda de inovações e melhorias nos serviços, beneficiando, assim, o consumidor final. Nos últimos anos, houve uma expansão vertiginosa no número de empresas que operam nesse setor, que quadruplicou em menos de uma década. Este crescimento é acompanhado por um influxo maciço de investimentos, indicando uma redefinição significativa do panorama econômico nacional.

No entanto, o ritmo acelerado desta transformação traz consigo uma série de complexidades e desafios. É imperativo que os stakeholders relevantes, incluindo reguladores e formuladores de políticas, naveguem com prudência no ecossistema em mutação. Questões pertencentes à regulação adequada, estabilidade financeira e garantia de proteção ao consumidor emergem como áreas que exigem uma atenção e supervisão meticolosas para garantir que a transição para essa nova era financeira seja equitativa e sustentável.

Além disso, foi possível notar uma evidente diversificação de atuação. Entre as 1.289 empresas fintech mapeadas nesta pesquisa, destacam-se os segmentos de Crédito, Meios de Pagamento e Backoffice realçando o papel crucial das fintechs na ampliação das opções disponíveis para os consumidores, oferecendo soluções inovadoras em áreas tradicionalmente dominadas por instituições financeiras tradicionais. Além disso, a presença significativa de fintechs focadas em



Tecnologia e Criptomoedas sublinha a importância das inovações tecnológicas e da adoção de moedas digitais no cenário financeiro brasileiro

Embora a região sudeste evidencie uma concentração geográfica significativa dessas organizações, a sua natureza digital permite a conexão entre indivíduos e oportunidades financeiras independentemente de sua localização. No entanto, a transição para um ambiente financeiro digital não está isenta de desafios, com questões de inclusão digital e alfabetização financeira emergindo como áreas críticas que necessitam de atenção para garantir uma disseminação ampla e equitativa dos benefícios dessas inovações.

Vale ressaltar também a diversidade de modelos de negócios adotados pelas fintechs no Brasil. Segundo o Fintech Report (2022), cerca de 53,9% dessas empresas adotaram o modelo de negócios Business-to-Business (B2B), concentrando-se na prestação de serviços financeiros direcionados a outras empresas. Em contraste, cerca de 25% das fintechs optaram pela abordagem Business-to-Consumer (B2C), atendendo diretamente os consumidores finais. Além disso, aproximadamente 14% das instituições financeiras adotaram uma estratégia híbrida, combinando os formatos B2B e B2C para atender tanto o mercado corporativo quanto os consumidores individuais. Essa diversidade de modelos de negócios reflete a flexibilidade e a busca constante por inovação que caracterizam o ecossistema das fintechs brasileiras, à medida que buscam atender às diversas demandas do setor financeiro.

É perceptível que estamos transitando por um período de significativas alterações no setor financeiro, onde as fintechs atuam como catalisadores vitais de uma revolução silenciosa, porém poderosa. Elas possuem o potencial para redefinir o cenário financeiro global de maneiras que podem ter repercussões profundas e duradouras. No entanto, para assegurar que essa transição seja executada com sucesso, é vital que aqueles à frente das políticas e regulamentações adotem uma postura proativa, delineando estratégias que abordem de maneira eficaz os desafios emergentes que acompanham essa mudança inovadora.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À medida que esta pesquisa alcança seu desfecho, a transformação do setor financeiro catalisada pelas fintechs surge como uma realidade irrefutável. O exame e a síntese das discussões realizadas nas seções anteriores ressaltam que essas empresas estão engajadas na reformulação abrangente das bases das práticas financeiras tradicionais, manifestando-se como agentes de mudança em um setor de longa tradição. Nesse contexto, o impacto das fintechs transcende a mera modernização dos serviços financeiros; ele representa uma reconfiguração integral da relação entre os consumidores, as instituições financeiras e a tecnologia.

Na virada do século XXI, o Sistema Financeiro Nacional (SFN) começou a testemunhar uma onda de modernização e inovações sem precedentes. Esta transformação digital é fruto da convergência de uma série de tecnologias avançadas que estão redefinindo a maneira como as transações financeiras são realizadas e os serviços são prestados.

A dinâmica transformadora dessas inovações é notável. O modelo tradicional de acesso a serviços bancários tem sido revolucionado, com a acessibilidade e a comodidade das soluções financeiras digitais proporcionadas pelas fintechs. Como destacado por Verlindo (2022), a conveniência de realizar transações financeiras por meio de dispositivos móveis e plataformas online tem alterado fundamentalmente as expectativas e os comportamentos dos consumidores, estimulando a adoção dessas soluções ágeis.

Além disso, é crucial reconhecer que as fintechs estão superando barreiras, ao promover a inclusão de segmentos historicamente marginalizados pela oferta tradicional de serviços financeiros. A emergência de ferramentas específicas para populações desbancarizadas reflete um

esforço consciente para corrigir desigualdades preexistentes. Os estudos de Oliveira (2019) destacam como essas ferramentas não apenas preenchem uma lacuna essencial, mas também empoderam indivíduos que anteriormente estavam à margem do sistema financeiro.

No entanto, a transformação não é isenta de desafios. A concomitância da inovação financeira e das questões regulatórias é uma área de conflito que demanda atenção contínua. A pesquisa ressalta que a agilidade das fintechs muitas vezes se choca com a necessidade de manter a estabilidade financeira e proteger os consumidores. Santos (2018) salienta como a supervisão regulatória deve ser proativa para equilibrar a inovação e a segurança, de forma a salvaguardar o sistema financeiro como um todo.

Em relação à coexistência entre as fintechs e as instituições financeiras tradicionais, a dinâmica competitiva é influenciada por uma interação complexa. A adaptação das instituições financeiras estabelecidas, motivada pela presença disruptiva das fintechs, ilustra a importância da resposta ágil às mudanças do mercado. Silva (2020) discute como essa rivalidade é um incentivo à inovação e aprimoramento de serviços, beneficiando diretamente os consumidores que são os principais beneficiários dessa busca por excelência.

Diante disso, a colaboração emerge como uma perspectiva promissora. A coexistência entre as instituições financeiras consolidadas e as fintechs não se limita à competição, mas pode ser vista como um cenário propício para sinergias. A troca de conhecimentos e recursos entre os dois mundos pode gerar soluções que combinam o melhor de ambos, proporcionando aos consumidores uma gama mais ampla e eficaz de serviços financeiros, como defendido por Jorge et al. (2018).

Para garantir o equilíbrio entre inovação e regulamentação, é essencial a colaboração entre todas as partes interessadas. Os legisladores e reguladores têm um papel crucial em estabelecer diretrizes claras que incentivem a inovação, enquanto protegem os consumidores e mantêm a estabilidade do sistema financeiro. Instituições financeiras e fintechs devem buscar parcerias que permitam aproveitar ao máximo o potencial transformador dessas inovações, como sugerido por Coutinho (2021).

As fintechs não apenas estão experimentando um crescimento notável, mas também estão se tornando populares entre todas as classes sociais, mas principalmente no público com menor poder aquisitivo devido às suas taxas competitivas e acessibilidade. Portanto, serão necessárias pesquisas futuras a condução de um estudo de campo para avaliar os impactos reais das fintechs no consumo de produtos e serviços financeiros. Vale ressaltar que a presente pesquisa se concentrou exclusivamente na revisão teórica.

## REFERÊNCIAS

ACCENTURE. Crimes Virtuais: O Novo Desafio para o Setor Financeiro. Accenture Newsroom. Disponível em: <https://newsroom.accenturebr.com/br/news/company-news-release-crimes-virtuais.htm>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

ALMEIDA, E.; FERREIRA, F. Bancos e Fintechs: Uma Análise da Transformação Digital no Setor Financeiro Brasileiro. 1. ed. [S.l.]: Editora Econômica, 2020.

ANDRADE, J. S. Concentração bancária no Brasil: evolução recente e análise de seus determinantes. Anais do XXXVII Encontro Nacional de Economia.

ANDRADE, L. S.; GOLLO, J. C.; NOSSA, V. Concentração bancária no Brasil: análise do período de 2000 a 2015. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/veredas/article/view/6122>. Acesso em:

20 julho de 2023.

B3 BRASIL BOLSA BALCÃO. Mercado Monetário. Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/produtos-e-servicos/mercado-monetario/mercado-monetario.htm](https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/mercado-monetario/mercado-monetario.htm). Acesso em: 16 julho de 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório de Cidadania Financeira. Capítulo 1: As pessoas estão acessando serviços financeiros? Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/nor/relcidfin/cap01.html>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Estabilidade Financeira - Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/sfn>. Acesso em: 16 julho de 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Fintechs. 2023. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/fintechs>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

BARBOSA, G.; LIMA, H. Inclusão Financeira no Brasil: O Papel das Fintechs. 1. ed. [S.l.]: Editora Progresso, 2021.

BITTENCOURT, W. R. et al. Estudo sobre a Evolução da Concentração do Setor Bancário no Brasil e da taxa de juros. Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade. Disponível em: <https://www.homologacao.revistas.uneb.br/index.php/financ/article/view/942>. Acesso em: 20 julho de 2023.

BITTENCOURT, G. Fusões e aquisições no setor bancário brasileiro: tendências recentes. Revista de Estudos Empresariais, v. 17, n. 1, p. 11-27, 2015.

CAVALCANTE, Francisco. Mercado de Capitais. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. Sistema financeiro Nacional. In: COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. Mercado de valores mobiliários brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Comissão de Valores Mobiliários, 2019.

CNSEG - Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização. Open Insurance: o que é e como vai funcionar. Disponível em: <https://www.cnseg.org.br/2021/06/29/open-insurance-o-que-e-e-como-vai-funcionar.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

CONTEL, Fabio Betioli. Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. Annablume Editora, 2011.

DINIZ, B. O Fenômeno Fintech: tudo sobre o movimento que está transformando o mercado financeiro no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

DINIZ, M. J. A bancarização como estratégia competitiva. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 21, n. 1, p. 67-84, 2019.

FINTECHLAB. Fintechs no Brasil: Uma Revolução que Já é Realidade. 2016. Disponível em: <https://fintechlab.com.br/index.php/2016/04/14/report-fintechs-no-brasil-uma-revolucao-ja-e-realidade/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

FINTECHLAB. Novo Radar FintechLab Mapeia Mais de 400 Iniciativas. 2018. Disponível em: <https://fintechlab.com.br/index.php/2018/08/13/novo-radar-fintechlab-mapeia-mais-de-400-iniciativas/>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

GOMBER, P.; KOCH, J.-A.; SIERING, M. Digital Finance and FinTech: current research and future research directions. *Journal of Business Economics*, v. 87, n. 5, p. 537–580, 2017.

JORGE, R. R.; URICH, L. G.; JUNGER, A. P.; DE ANDRADE, A. A.; BLUMETTI FACÓ, J. F. O ECOSISTEMA DE FINTECHS NO BRASIL. *Revista de Casos e Consultoria*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. e931, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/22842>. Acesso em: 12 ago. 2023.

KOCHE, I. G. A inovação do modelo de negócio em Fintechs do Rio Grande do Sul. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/19127>. Acesso em: 05 de julho de 2023.

LIMA, A. F.; CARVALHO, L. M. de F. O Processo de Concentração Bancária no Brasil de 1995 a 2005: Uma Comparação Internacional. *Revista de Economia Mackenzie*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/514>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, J. F. Transformações recentes no sistema financeiro brasileiro. *Revista de Economia Política*, v. 28, n. 4, p. 571-586, 2008.

NASCIMENTO, Franklin Martins. Transformação do Sistema Financeiro Brasileiro: O Impacto das Fintechs e da Pandemia [documento online]. Disponível em: [https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/7950/1/franklin\\_martins\\_nascimento-%5b54960-903-1-804514%5dfinal\\_ultimo\\_26062019.pdf](https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/7950/1/franklin_martins_nascimento-%5b54960-903-1-804514%5dfinal_ultimo_26062019.pdf). Acesso em: 12 jul. 2023.

NERI, Marcelo Côrtes. Desenvolvimento Financeiro e Crescimento Econômico no Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 3 (43), p. 649-666, dez. 2011

OLIVEIRA, R. M. Fintechs e inclusão bancária: um estudo sobre as contribuições das startups financeiras no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2019.

PODER360.Fintech Report 2022. 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/01/Report-Fintech-2022.pdf>. Acesso em: 11 de agosto de 2023.

SANTOS, J. R. Fintechs e Regulação Financeira: O Desafio de Inovar com Segurança. *Revista de Direito Bancário e do Mercado de Capitais*, v. 75, p. 181-207, 2018.

SANTOS, F. O que é insurtech e como ela está transformando o mercado de seguros. *Exame*, 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/o-que-e-insurtech-e-como-ela-esta-transformando-o-mercado-de-seguros/>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

SCHNAIDER, Amanda. Número de brasileiros que usam fintechs quase dobrou em dois anos. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/marketing/numero-de-brasileiros-que-usam-fintechs-quase-dobrou-em-dois-anos>. Acesso em: 25 de agosto de 2023

SILVA, A. B. Tendências e desafios das fintechs no mercado financeiro. Revista de Tecnologia da Informação e Comunicação, v. 10, n. 2, p. 43-56, 2020.

SILVA, Sheldon William et al. O sistema financeiro nacional brasileiro: contexto, estrutura e evolução. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 14, n. 1, p. 1015-1029, jan./jul. 2016.

VERLINDO, R. L. Fintechs e a Transformação do Setor Financeiro Brasileiro. Revista de Economia e Administração, v. 21, n. 3, p. 445-465, 2022.